

Paisagem e cotidiano no ensino de geografia: desafios didáticos e possibilidades práticas em Vitória do Xingu-PA

Landscape and daily life in geography teaching: didactic challenges and practical possibilities in Vitória do Xingu-PA

Paisaje y cotidiano en la enseñanza de la geografía: desafíos didáticos y posibilidades prácticas en Vitória do Xingu-PA

Genilson Santana Cornélio¹ , José Queiroz de Miranda Neto¹ 

¹Universidade Federal do Pará^{ROR}, Belém, PA, Brasil

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada junto às turmas de 6º ano do ensino fundamental em Vitória do Xingu, uma das cidades impactadas pela usina hidrelétrica de Belo Monte. O objetivo geral deste trabalho foi destacar as mudanças na paisagem pelos alunos a partir de suas percepções cotidianas do espaço vivido. Quanto à metodologia, houve a aplicação de uma prática pedagógica sobre o ensino de Geografia, organizada por meio de: pesquisa teórica e levantamento bibliográfico; aula teórica para reforçar aos alunos os conceitos e os elementos centrais da proposta didática; e aula expositiva, com a exposição de imagens da cidade de Vitória do Xingu em períodos distintos. Posteriormente, sugeriu-se aos alunos uma produção artística e uma escrita, a respeito de suas percepções quantos as mudanças na paisagem a partir de seus respectivos espaços. Após a análise das produções realizadas, os resultados sinalizam que a prática pedagógica consegue fazer com que os alunos reflitam não apenas a mudança no visual, na paisagem, mas que além disso consigam compreender os motivos que levaram a essas transformações. Por outro lado, ressalta-se que é desafiador para o professor propor esse tipo de prática pedagógica, no entanto, os resultados causam inúmeras possibilidades de construção do conhecimento por parte dos alunos, acarretando nestes a compreensão, reflexão e relação dos objetos de aprendizagem com o seu cotidiano.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Paisagem; Cotidiano; Vitória do Xingu-PA

ABSTRACT

This article is the result of research carried out with 6th grade elementary school classes in Vitória do Xingu, one of the cities impacted by the Belo Monte hydroelectric plant. The general objective of this

work was to highlight the changes in the landscape perceived by the students based on their daily experiences of the lived space. As for the methodology, there was the application of a pedagogical practice on teaching Geography, organized through: theoretical research and bibliographical survey; theoretical class to reinforce concepts and central elements of the didactic proposal to students; and an expository class, with the exhibition of images of the city of Vitória do Xingu in different periods. Subsequently, it was suggested to the students an artistic production and a written production regarding their perceptions regarding the changes in the landscape from their respective spaces. After analyzing the productions carried out, the results indicate that the pedagogical practice manages to make the students reflect not only the change in the look of the landscape but also that they can understand the reasons that led to these transformations. On the other hand, it is emphasized that it is challenging for the teacher to propose this type of pedagogical practice, however, the results cause innumerable possibilities for the construction of knowledge by the students, making them understand, reflect and relate the learning objects to their everyday lives.

Keywords: Geography Teaching; Landscape; Daily; Vitória do Xingu-PA

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación realizada con clases de 6º grado de la escuela primaria en Vitória do Xingu, una de las ciudades impactadas por la hidroeléctrica de Belo Monte. El objetivo general del trabajo fue resaltar los cambios en el paisaje por parte de los estudiantes a partir de sus percepciones cotidianas del espacio vivido. En cuanto a la metodología, se aplicó una práctica pedagógica sobre la enseñanza de la Geografía, organizada a través de: investigación teórica y levantamiento bibliográfico; clase teórica para reforzar conceptos y elementos centrales de la propuesta didáctica a los estudiantes; y clase expositiva, con la exposición de imágenes de la ciudad de Vitória do Xingu en diferentes períodos. Posteriormente, se sugirió a los estudiantes una producción artística y una producción escrita sobre sus percepciones sobre los cambios en el paisaje desde sus respectivos espacios. Luego de analizar las producciones realizadas, los resultados indican que la práctica pedagógica logra que los estudiantes reflejen no solo el cambio en la mirada, en el paisaje, sino que puedan comprender los motivos que llevaron a estas transformaciones. Por otro lado, se destaca que es un reto para el docente proponer este tipo de práctica pedagógica, sin embargo, los resultados provocan innumerables posibilidades para la construcción del conocimiento por parte de los estudiantes, haciéndolos comprender, reflexionar y relacionar los objetos de aprendizaje con su vida cotidiana.

Palabras-clave: Enseñanza de la Geografía; Paisaje; A diario; Victoria de Xingu-PA

1 INTRODUÇÃO

Fazer com que os alunos se interessem pelo componente curricular de Geografia tem sido uma tarefa difícil para os professores, tendo em vista que a ciência geográfica necessita da constante problematização e contextualização dos diversos objetos de conhecimento com a realidade dos educandos. Verifica-se então, no exercício da prática docente em Geografia, dois grandes obstáculos que todo professor precisa superar

para garantir o processo de ensino-aprendizagem aos alunos: relacionar os objetos de conhecimento com a realidade, o cotidiano, e ao mesmo tempo fazer com que os estudantes tenham interesse pelas temáticas e pelo próprio componente curricular. Nesse sentido, o cotidiano tem significativa importância enquanto elemento prático no ensino de Geografia.

Dessa forma, partindo da realidade da cidade de Vitória do Xingu e reconhecendo que o cotidiano apresenta diferentes e importantes formas de exemplificar a realidade com os conteúdos geográficos, surge a seguinte inquietação: na problematização da realidade com os conhecimentos geográficos, quais os principais desafios didáticos encontrados pelos professores? Além disso, quais têm sido as maneiras de potencializar o ensino de Geografia em Vitória do Xingu, levando em consideração o cotidiano como prática pedagógica? Quais as maneiras de propor atividades práticas a partir do cotidiano dos alunos?

Partindo dessas indagações, a pesquisa é justificada pela necessidade de uma maior compreensão da importância do cotidiano no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Callai (2005) afirma que é um desafio ler o mundo a partir do lugar, da sorte que os estudos que caminham pela tentativa de problematizar os desafios e as potencialidades do ensino de Geografia por meio do cotidiano ainda apresentam um quadro incipiente de estudos.

Dessa maneira, a pesquisa está circunscrita ao tema do ensino de Geografia atrelado a discussões sobre os desafios didáticos, as potencialidades práticas e o cotidiano. Para além disso, o trabalho está voltado a uma proposta didática a fim de potencializar o ensino de Geografia na cidade de Vitória do Xingu por meio de uma leitura da paisagem local, de maneira a fazer com que os alunos percebam não apenas as mudanças na aparência, mas o que as mudanças nas estruturas repercutem no cotidiano das pessoas.

A partir dessas colocações, objetiva-se, neste trabalho, identificar a percepção dos alunos em relação as mudanças na paisagem através do cotidiano. De maneira específica a pesquisa buscou também: a) apresentar os desafios didáticos da

problematização das habilidades geográficas com a realidade local; b) evidenciar uma prática de ensino de Geografia de maneira a utilizar o cotidiano como instrumento didático; c) propor caminhos didáticos e metodológicos utilizando o cotidiano de Vitória do Xingu no Ensino de Geografia.

O trabalho encontra-se organizado em introdução, metodologia, seguido de três seções e as considerações finais. A metodologia apresenta uma descrição dos procedimentos da prática pedagógica utilizada. A primeira seção expõe uma trajetória conceitual, relacionando o ensino de Geografia com os conceitos de paisagem e cotidiano. A segunda parte aborda o cotidiano sob a ótica das diretrizes gerais do ensino no Brasil, de maneira a realizar uma contextualização dessas diretrizes em diferentes escalas, passando de uma escala nacional até uma escala local. Por fim, na terceira e última seção, a qual se debruça a apresentar os resultados da prática pedagógica desenvolvida, há um empenho de reforçar a importância do cotidiano como prática de ensino em Geografia, apresentando os desafios e as possibilidades em Vitória do Xingu.

2 METODOLOGIA

Em relação aos caminhos metodológicos, a pesquisa recorreu a alguns procedimentos como forma de experimentação prática em sala de aula. De maneira inicial, foi realizada uma pesquisa teórica e um levantamento bibliográfico de obras diversas, que versam sobre temas como a paisagem e o cotidiano. Posteriormente, o esforço realizado foi o de reconhecer e verificar como o ensino de Geografia é tratado nas Diretrizes Gerais de Ensino no Brasil, utilizando para esse fim a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia, além dos documentos curriculares do estado do Pará e do município de Vitória do Xingu. Além de identificar o tratamento dado ao ensino de Geografia nesses documentos, houve também o empenho de observar como a paisagem e o cotidiano são destacados neles.

A partir do levantamento bibliográfico, foi realizada a aplicação da proposta didática em sala de aula com intuito de destacar as mudanças na paisagem do espaço vivido pelos alunos a partir de suas percepções cotidianas. A pesquisa envolveu duas experiências metodológicas: artística (desenhos) e escrita. Quanto a essa última, refere-se a uma produção textual sucinta capaz de descrever a produção realizada pelos alunos e os principais elementos nela contida, ou seja, uma explicação dos desenhos.

A proposta didática foi desenvolvida em três turmas de 6º Ano da Escola Prof.^a Raimunda Cabral da Silva, na cidade de Vitória do Xingu: F6M901-A e F6M902-B (período matutino) e a turma F6T903-C (período vespertino) pelo fato de que as habilidades que versam sobre alterações na paisagem constarem como objetos de conhecimentos a serem estudados nesse ano de escolaridade. Essa escolha está fundamentada, também, na possibilidade de aplicação dessa proposta em turmas que começam a acessar o componente curricular exclusivo de Geografia, havendo a necessidade de propostas didáticas que reforcem os conceitos geográficos e relacionem com suas respectivas realidades.

Posto isso, foi escolhida uma habilidade “EF06GE01VTX”, constante no Documento Curricular Municipal (DCM) de Vitória do Xingu, que objetiva “Compreender as transformações na paisagem do território municipal de Vitória do Xingu ocasionadas pela construção de grandes projetos de investimento (a exemplo da UHE Belo Monte)” (Vitória do Xingu, 2019, p. 600), que está incluída na modalidade do 6º Ano do Ensino Fundamental Maior. Partindo dessa habilidade, empreendemos uma prática pedagógica como forma de possibilitar a compreensão das transformações na paisagem e no cotidiano dos alunos na cidade de Vitória do Xingu.

Para o desenvolvimento da proposta didática, realizou-se uma aula teórica como forma de evidenciar e reforçar aos alunos alguns conceitos e elementos centrais na proposta didática, como os conceitos de paisagem e de cotidiano. Em seguida, passou-se ao momento de despertar nos alunos a reflexão de como analisar a paisagem e enxergar, para além do visível, o invisível.

Para alcançar esse processo de reflexão por parte dos alunos, foi realizada

uma aula expositiva, processo no qual foram exibidas algumas imagens da cidade de Vitória do Xingu em períodos distintos, de maneira a aguçar nos estudantes o entendimento de que a mudança na paisagem repercute em transformações no cotidiano das pessoas. Nessa etapa, cada aluno apresentou seus relatos e percepções quanto às mudanças ocorridas nas paisagens dos espaços onde estão inseridos e os reflexos dessas alterações no cotidiano. Nesse momento, a utilização de fotografias e imagens de diferentes períodos se justificou como forma de oferecer referenciais para os estudantes chegarem ao seu lugar de vivência, de modo a ampliar o conhecimento a respeito dos diferentes espaços da cidade e seus usos.

Na próxima etapa da proposta didática, cada aluno foi convidado a representar, por meio de uma produção artística, as transformações na paisagem, abordando o seu cotidiano. Após esse momento, foi solicitado uma produção escrita sobre o desenho para fins de explicação de suas respectivas produções.

A proposta didática foi desenvolvida em três tempos de aula (cada tempo corresponde a 45 minutos). No primeiro tempo, realizou-se a explanação sobre a temática, assim como o debate acerca das percepções individuais de cada aluno. O segundo tempo da aula, foi destinado à produção artística e à escrita como uma das etapas da proposta. Por fim, no último tempo de aula, houve um momento de socialização das produções e uma breve apresentação das produções realizadas.

3 A PAISAGEM E O COTIDIANO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

No sentido de entender a importância do cotidiano no ensino de Geografia e os desafios didáticos que os professores encontram nesse processo, torna-se necessário contextualizar alguns conceitos e categorias fundamentais que são adotados nesse trabalho. Na abordagem aqui proposta, duas categorias tiveram foco central na pesquisa: a paisagem e o lugar. A paisagem pelo fato de que o ensino por meio dessa categoria possibilita compreender que:

se, de um lado, as formas visíveis da paisagem podem dirigir as transformações sociais ou limitar as alternativas de organização do

território, de outro lado, as modificações da estrutura social criam sempre novas necessidades, sugerem novas formas e redefinem os valores da paisagem visível (Leite, 1994, p.51).

A compreensão a respeito do conceito de paisagem possibilita um ensino de Geografia preocupado em evidenciar não apenas as mudanças na forma, mas no próprio modo de vida das pessoas. Esse exercício contribui na formação de sujeitos conscientes do espaço em que vivem, capazes de perceberem o seu lugar como parte integrante de um universo maior, não isolado e desconexo de outros ambientes.

O conceito de lugar, por sua vez, permite a possibilidade da análise da realidade como forma de apreender os acontecimentos mais gerais, pois “mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (Santos, 2005, p. 161). Nesse sentido, a escala do lugar pode ser considerada no processo de ensino-aprendizagem em Geografia como o lócus de realização dos acontecimentos, conforme destacam Moreira e Hespanhol (2007):

O lugar contém multiplicidades de relações ao mesmo tempo em que pode ser compreendido enquanto uma realidade sensível, correspondendo ao uso e à prática vivida no cotidiano. Assim, de um lado, temos a multiplicidade das relações e, de outro, a especificidades da produção espacial global (Moreira; Hespanhol, 2007, p. 55).

A concepção de cotidiano surge como uma possibilidade de realizar contextualizações relacionadas ao ensino de Geografia, permitindo ao aluno o conhecimento de fenômenos que acontecem em diferentes escalas e oferecendo maneiras para que os alunos compreendam as suas realidades a partir da dimensão local. De acordo com Vieira (2018):

Em sala de aula com atividades simples podemos apresentar através da consideração do cotidiano, o que aparece a margem, nas trincheiras, na invisibilidade do olhar do/a estudante e trazer a eles através do ensino de Geografia a percepção e dimensão completa do seu lugar (Vieira, 2018, p. 7).

O ensino a partir do cotidiano possibilita que os conhecimentos mais abstratos do componente curricular sejam compreendidos de maneira mais prática e eficiente.

Nesse sentido, “didáticas que incentivam o estudante a se transportar ao lugar e cotidiano e, então, fazê-lo pensar o seu dia a dia é fundamental na construção de uma geografia do cotidiano” (Manfio, 2021, p. 24).

Pela trajetória da Geografia escolar, é possível reconhecer que nem sempre o ensino de Geografia se propôs a levar em consideração o contexto dos alunos, tendo em vista um ensino tradicional baseado na memorização. Tratava-se de um ensino sem noções conceituais factíveis à realidade e com pouca compreensão geográfica necessária para avançarem nessa área do conhecimento. Na atualidade, entende-se que os fatos e as situações precisam e devem ser trabalhados junto aos alunos de maneira contextualizada, despertando neles um senso e uma leitura crítica de mundo.

Essa tarefa requer, por parte dos docentes, certo rigor didático-pedagógico com vistas a alcançar os objetivos necessários para a aprendizagem. De acordo com Callai (2010, p. 25), “o estudo do lugar como possibilidade de aprender geografia considera o cotidiano da vida dos alunos e o contexto escolar como fundamentos”. A partir dessa perspectiva, é importante considerar que o lugar de vivência dos alunos é o principal ponto de partida para toda e qualquer proposta pedagógica de ensino de Geografia.

Diante disso, as abordagens geográficas de ensino devem proporcionar a relação dos conhecimentos com o espaço vivido dos alunos. Sobre o espaço vivido, Lefebvre (1974) expõe que é o espaço dos sujeitos, dos habitantes e de suas apropriações das imagens e dos símbolos, que os acompanham, fazem parte do seu cotidiano e que vão acompanhar por toda a sua existência.

Despertar o entendimento de conceitos como a paisagem, o lugar e o cotidiano e atrelá-los à aprendizagem geográfica é primordial no processo de ensino. Isso possibilita a produção do conhecimento a partir de uma Geografia dos espaços vividos. Para Serpa (2019):

Uma Geografia dos espaços vividos é também uma Geografia cognitiva das representações sociais e espaciais, pensada como uma forma de elaboração de conhecimento que dê conta das complexas estruturas de representação da sociedade produzindo e reproduzindo espaço (Serpa, 2019, p. 86).

À vista disso, um ensino de Geografia que leve em consideração os espaços vividos proporciona aos alunos um protagonismo no processo de aprendizagem, pois insere os discentes no contexto no qual estão inseridos, permitindo-os perceber o movimento de transformação de sua própria realidade.

Segundo Castrogiovanni, Callai e Kaecher (2009), o processo de apreensão do espaço geográfico pelos alunos passa por três etapas. De maneira inicial, os alunos conhecem primeiramente o espaço vivido, através do movimento do espaço no qual estão inseridos. Após essa etapa, passam a apreender o espaço ao seu entorno, ou seja, o espaço percebido. Na terceira etapa, tendo conhecimento do espaço no qual estão inseridos e conseguindo apreender o espaço ao seu entorno, os estudantes já se encontram preparados para assimilar o espaço concebido, compreendendo assim os movimentos para além do local, ou seja, conhecimentos mais abstratos. O fato é que, se os discentes não conseguem ter o entendimento dos seus espaços vividos, dificilmente conseguirão avançar para as próximas etapas de apreensão da realidade por meio do espaço.

Essa preocupação de ensinar Geografia a partir do cotidiano busca operacionalizar a transposição dos conteúdos propostos pela ciência com a realidade dos alunos. Por isso a importância da categoria lugar nesse contexto. Por esse motivo, Castrogiovanni, Callai e Kaecher (2009, p. 88) ponderam que “o lugar como categoria de análise pressupõe que se vislumbre o espaço geográfico – objeto de estudo – considerado em seus aspectos relativos e relacionais ao contexto em que se insere”.

Nessa mesma perspectiva, a renomada obra de Tuan (2012), acerca das experiências e dos laços afetivos dos sujeitos com o meio, estabelece a compreensão do espaço geográfico a partir do lugar. Tuan (2012) utiliza o termo “Topofilia” para caracterizar vínculos de afinidade entre o homem e os lugares. Segundo o autor, “a Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (Tuan, 2012, p. 19). Essa relação dos sujeitos com o lugar, conforme aborda Tuan (2012), parte de uma perspectiva sensorial, que proporciona aos indivíduos um processo de reconhecimento espacial,

aprendendo e sendo conscientes do que acontece ao seu entorno.

Com tais características, reforça-se a importância de valorização do lugar, do cotidiano e das experiências dos alunos no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Uma abordagem geográfica que prioriza o cotidiano como ponto de partida em toda e qualquer proposição didática promove um processo de construção do conhecimento que transcende a escala local sem condicionar ou dificultar o processo de raciocínio geográfico por parte dos alunos.

Desse modo, é inegável a importância do cotidiano no Ensino de Geografia. Cabe ressaltar, inclusive, que essa afirmação se encontra destacada de diferentes maneiras nas Diretrizes Gerais de Ensino no Brasil. Nesse sentido, nesta próxima seção abordaremos, de forma mais específica, o que as Diretrizes apontam em relação ao cotidiano no Ensino de Geografia.

4 AS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA E A RELAÇÃO COM O ESPAÇO VIVIDO DOS ALUNOS

Esta seção objetiva oferecer um panorama sobre o que dizem as Diretrizes Curriculares Nacionais de Ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) acerca do Ensino de Geografia e do cotidiano. Além disso, realizar uma contextualização das especificidades do ensino na Amazônia e da realidade em estudo, a cidade de Vitória do Xingu, tais como os principais problemas relativos ao ensino, à defasagem e aos índices de avaliação da educação na região e no município.

De modo a contextualizar brevemente a questão do ensino de Geografia no Brasil, trata-se de um ramo do conhecimento que foi abordada na escola com metodologias marcadas pela descrição e memorização dos fatos. As mudanças mais importantes nessa abordagem aconteceram a partir da década de 1980, quando se destaca a contribuição de uma Geografia Crítica, em que o ensino passa a ser pautado na compreensão do espaço geográfico e nas suas contradições.

Essa transição de um ensino baseado na Geografia Tradicional para abordagens mais diversificadas de ensino não ocorreu de maneira imediata. Isso pode ser explicado em função de uma gama de professores que ainda baseiam suas aulas nessa metodologia, na chamada “decoreba” dos conteúdos mais gerais da área. Há, portanto, a necessidade de o Ensino de Geografia ser tratado como um processo que permita que os alunos estabeleçam relações dos conteúdos ministrados com as suas experiências e os seus espaços vividos. O Ensino de Geografia deve ocorrer, dessa maneira, tendo o cotidiano como referência para analisar e compreender o espaço geográfico no qual os alunos estão inseridos.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares de Ensino no Brasil pautam que as propostas pedagógicas dos diferentes ambientes educacionais precisam considerar o cotidiano escolar como etapa fundamental no processo de ensino-aprendizagem, isso em função das particularidades de cada espaço e das características próprias dos estudantes com os seus lugares, de sorte que:

Os conteúdos que compõem a base nacional comum e a parte diversificada têm origem nas disciplinas científicas, no desenvolvimento das linguagens, no mundo do trabalho e na tecnologia, na produção artística, nas atividades desportivas e corporais, na área da saúde, nos movimentos sociais, e ainda incorporam saberes como os que advêm das formas diversas de exercício da cidadania, da experiência docente, do cotidiano e dos alunos (Brasil, 2013, p. 114).

As Diretrizes Curriculares de Ensino no Brasil estabelecem que o cotidiano dos alunos e da comunidade escolar em geral precisam ser elementos intrínsecos no processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, o cotidiano dos estudantes deve ser considerado como um ponto de conexão entre a transposição dos conteúdos por parte dos professores e o aprendizado dos alunos:

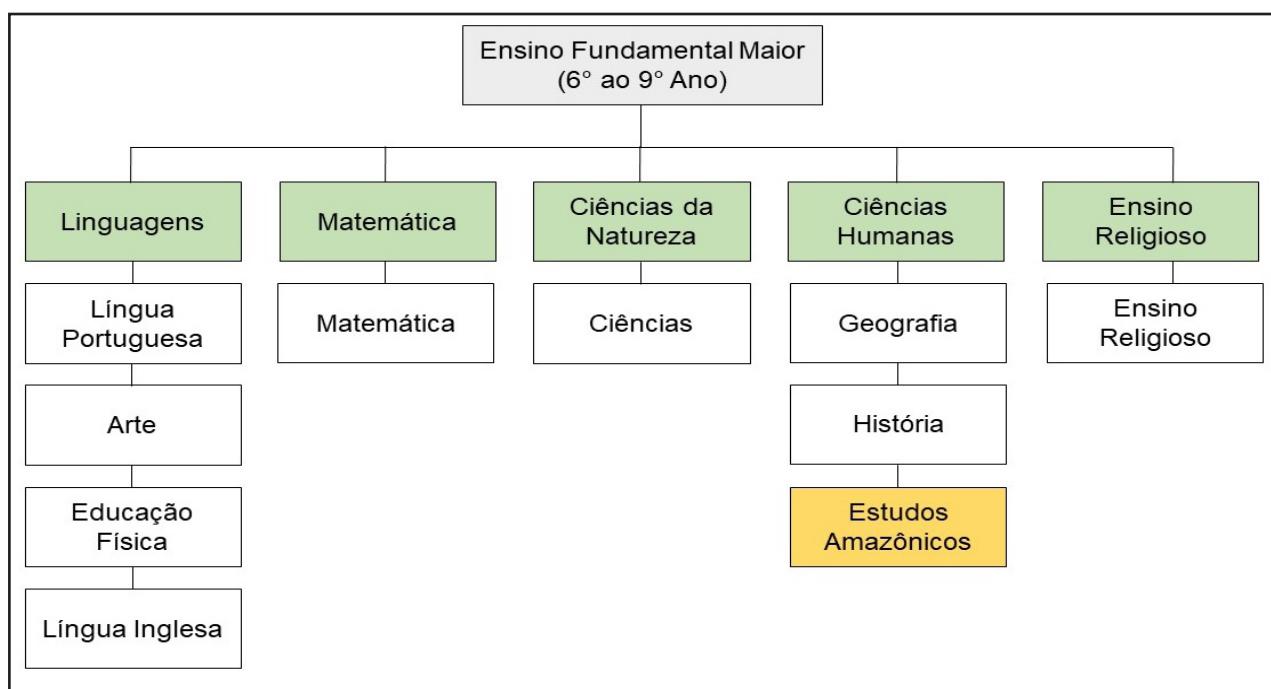
[...] quando se trata de ensinar as bases da Ciência, opera-se uma transmutação pedagógico-didática, em que os conteúdos da Ciência se transformam em conteúdos de ensino [...], de modo que deva ser didaticamente assimilável pelos alunos, conforme a idade, nível de desenvolvimento, condições prévias de aprendizagem e condições socioculturais (Cavalcanti, 1995, p. 35).

Os argumentos de Cavalcanti (1995) reforçam aquilo que estabelece a legislação de ensino no Brasil, ou seja, havendo a necessidade de considerar a realidade dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. A BNCC, por exemplo, estabelece que é essencial considerar a vivência dos alunos e as particularidades locais na explicação de temas mais conceituais:

Essa dimensão conceitual permite que os alunos desenvolvam aproximações e compreensões sobre os saberes científicos – a respeito da natureza, do território e da territorialidade, por exemplo – presentes nas situações cotidianas (Brasil, 2018, p. 365).

Sinteticamente, tanto as Diretrizes Gerais no Brasil quanto os diferentes autores que abordam essa questão do Ensino de Geografia apontam que é imprescindível levar em consideração o cotidiano nas práticas escolares do componente curricular.

Figura 1– Componentes curriculares por área de conhecimento.



Fonte: Pará, 2019

Sobre essa questão de mobilizar o cotidiano enquanto “instrumento didático” a ser desenvolvido nas aulas de Geografia, há de ser dada uma ênfase que essa tarefa é por demais desafiadora e bastante complexa, ainda mais quando se trata de uma

região como a Amazônia, com toda a sua diversidade e uma multiplicidade de culturas, de sujeitos e de contextos específicos.

A partir dessa consideração, destaca-se que existe uma parte diversificada da BNCC que orienta que as regiões desenvolvam e adequem seus documentos curriculares à realidade geográfica na qual estão inseridas. Dessa maneira, há no Documento Curricular Estadual (DCE) do Pará um outro componente curricular, denominado “Estudos Amazônicos”, inserido na área das ciências humanas juntamente com as disciplinas de Geografia e História (figura 1). O componente curricular de Estudos Amazônicos é baseado nas habilidades de Geografia e História que tratam das características do contexto Amazônico:

A figura 1 apresenta as áreas do conhecimento e os componentes curriculares agrupados a partir de suas respectivas áreas, a partir do qual se pode destacar que:

O componente curricular de Estudos Amazônicos compõe a parte diversificada do Documento Curricular do Estado do Pará a partir da Resolução nº 630/97 (Barros, 2016), sendo ofertada apenas para o Ensino Fundamental II (anos finais), tornando-se obrigatória a partir de 1999. Este componente acompanha as DCNGEB (Brasil, 2013a) quando estabelece que as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da história, do meio ambiente e da economia precisam estar presentes nos Currículos, propondo ainda interdisciplinaridade e a contextualização como princípios para ampliar as inúmeras possibilidades de interação entre os diversos componentes e suas respectivas áreas de conhecimento (Pará, 2019, p. 262).

O DCE, além de reforçar aquilo que preconiza a BNCC sobre a importância da reflexão geográfica a partir do cotidiano, constituindo-se como uma “ferramenta” pedagógica, o Documento significa, também, uma própria garantia de que o cotidiano (regional) seja levado em consideração.

Dessa forma, a BNCC enquanto documento de referência no processo de organização das aprendizagens essenciais e de parâmetro para o trabalho docente, serve também como um guia de orientação que contém competências específicas a serem seguidas conforme as realidades dos diferentes espaços do país. Inclusive, sua própria implementação tem o objetivo de garantir que as aprendizagens essenciais

sejam garantidas em todas as regiões do Brasil, como forma de possibilitar uma melhora no quadro e nos índices educacionais.

Sobre essa questão da melhoria e da qualidade na educação básica e o discurso de que a BNCC foi implementada como uma barreira de contenção para o problema da defasagem do ensino no país, torna-se importante analisar o que sinalizam os dados a respeito da Educação Básica.

Os dados referentes à Educação são medidos a partir do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), definido como um indicador que avalia a qualidade da educação no país. O IDEB é realizado a cada 2 anos e é calculado a partir de dois componentes: taxa de aprovação escolar e as médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). No quadro 01 temos um panorama das médias do IDEB a nível de Brasil, do estado do Pará, do município de Vitória do Xingu e da Escola Professora Raimunda Cabral da Silva (espaço empírico da pesquisa):

Quadro 1 – Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)

País/Estado/Município/Escola	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Brasil (Escolas Públicas)	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	4,2	4,4	4,6	4,9
Pará (Escolas Públicas)	2,7	3,0	3,6	4,0	3,8	4,3	4,5	4,7	4,3
Vitória do Xingu (Escolas Públicas)	3,4	3,5	4,1	3,8	4,1	4,0	4,2	5,2	5,1
EMEF Prof. ^a Raimunda Cabral da Silva	* ¹	*	*	*	*	3,5	3,3	5,6	** ²

Fonte: Brasil (INEP), 2021

A evolução dos índices educacionais no Brasil não deu saltos expressivos ao longo do período evidenciado, no entanto, também não se verificou nenhuma queda. Por outro lado, no que se refere aos dados educacionais do estado do Pará, nota-se que os índices se aproximam, em alguns anos, das médias do país, observando uma maior diferença o ano de 2021.

¹ * Como a Escola só passou a funcionar a partir de 2012, não foi possível realizar o cálculo do IDEB para o ano de 2013, tendo em vista que a avaliação ocorre a partir da somatória de 2 anos.

² ** Durante a pandemia, algumas escolas a nível de Brasil não tiveram seus IDEBs de 2021 calculados. Isso ocorreu em função de diferentes situações. No caso da Escola Professora Raimunda Cabral da Silva, seu IDEB de 2021 não foi calculado pelo fato da escola não registrar o mínimo de 10 estudantes por turma presentes no momento de aplicação dos instrumentos do SAEB, conforme estabelece a Portaria nº 399, de 2 de setembro de 2022.

Por outro lado, as médias do município de maneira frequente vêm apresentando números superiores ou próximas dos números do estado e do país. Em relação aos dados educacionais da EMEF Prof.^a Raimunda Cabral da Silva, verifica-se algumas oscilações. Por exemplo, em 2015 o índice apresentado pela escola é inferior às notas de Vitória do Xingu, do Pará e do Brasil, assim como em 2017, verificando, inclusive, uma queda de 3,5 para 3,3. Em compensação, no ano de 2019 há um salto expressivo do IDEB da escola, passando de 3,3 para 5,6, superando os índices apresentados pelo município, pelo estado e pelo país no mesmo ano. Esse cenário de evolução nos índices educacionais do município e da escola apontam, de maneira geral, um avanço no ensino, revelando assim uma melhoria na educação básica vitoriense.

Esses índices, de maneira geral, não informam sobre a realidade do Ensino de Geografia em Vitória do Xingu, isso porque as avaliações externas que quantificam o percentual do IDEB são realizadas, geralmente, a partir dos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática. A ciência geográfica, nesse sentido, não entrava como um dos critérios avaliativos para evidenciar a qualidade do/no ensino na área. No entanto, a partir da implementação da BNCC, o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) passou a realizar algumas discussões para a inserção da área de ciências humanas nas avaliações da Educação Básica.

A partir do IDEB de 2019, as ciências humanas e as da natureza passaram a constar como áreas avaliadas, significando, dessa forma, um avanço no cenário do Ensino de Geografia. A partir desse contexto, é possível considerar que em função dessa “inserção” da ciência geográfica como um critério avaliativo da educação básica no país, o componente curricular passa a ganhar uma certa notoriedade por parte das próprias secretarias de educação, pois o componente era tratado como uma certa desídia, sendo priorizadas apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Para além dessa “conquista”, o ensino de Geografia demanda de estratégias de aprendizagem que sirvam não apenas como requisitos para alavancar os índices do IDEB, mas como um “instrumento” capaz de garantir que os alunos possam construir

compreensões do espaço geográfico no qual estão inseridos e alcançar reflexões que envolvam o todo. Nesse sentido, o professor de Geografia precisa assumir um certo protagonismo no sentido de desenvolver propostas didáticas capazes de engajar os alunos a se tornarem agentes ativos no processo de construção do conhecimento.

5 A PAISAGEM E O COTIDIANO COMO PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA

O município de Vitória do Xingu localiza-se na Região Geográfica Imediata de Altamira³, no sudoeste do estado do Pará. De acordo com o último censo (IBGE, 2010), a cidade apresenta uma população de 13.431 habitantes. Pelas estatísticas e estimativas realizadas pelo mesmo órgão, atualmente o município contém uma população estimada de 15.421 habitantes (IBGE, 2021).

O núcleo urbano de Vitória do Xingu origina-se das missões religiosas, ainda no século XVIII, mas sua emancipação data de um período bem mais recente, ano de 1991. A cidade vitoriense é conectada com a cidade de Altamira através da rodovia estadual PA-415. Além dessa conexão por via rodoviária, é possível se deslocar de Vitória do Xingu para outras cidades através da via fluvial pelo rio Xingu (Cornélio, 2021).

No ano de 2011, iniciou no território municipal a construção de uma das maiores hidrelétricas do mundo, a Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHE Belo Monte). A implementação desse grande objeto paisagístico repercutiu em significativas mudanças no espaço regional e local.

A instituição de ensino que é palco empírico da presente pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Raimunda Cabral da Silva (figura 2), inaugurada em 11 de abril de 2012. A unidade de ensino está localizada no bairro Jardim Dall'acqua, na cidade de Vitória do Xingu, e atende a modalidade dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), nos turnos matutino e vespertino:

³A Região Geográfica Imediata de Altamira é uma das 21 regiões imediatas do estado brasileiro do Pará, composta pelos municípios de Altamira, Anapu, Brasil Novo, Medicilândia, Senador José Porfírio, Uruará e Vitória do Xingu.

Figura 2 – Vista frontal da Escola Professora Raimunda Cabral da Silva



Fonte: Acervo do autor (Janeiro de 2019)

A escola foi construída com objetivo de atender à demanda do aumento do número de matrículas na, até então, única escola que ofertava a modalidade dos anos finais na cidade, a escola Aliança para o Progresso. Essa expansão de matrículas se deu em função do aumento populacional verificado na cidade a partir da construção da UHE Belo Monte.

Após a instalação da Hidrelétrica no território municipal, um conjunto de mudanças foi percebido no espaço vitoriense, processada, em grande medida, pelos recursos financeiros que o município passou a receber em função das condicionantes para a construção do megaempreendimento. Essas alterações são percebidas, de maneira mais evidente, pela população local. Nesse sentido, seria uma oportunidade elaborar propostas de ensino de Geografia nesse contexto de modificações.

Ensinar Geografia em Vitória do Xingu demanda, dessa forma, atentar-se às particularidades existentes, necessitando de uma constante reflexão pedagógica

durante o processo de ensino-aprendizagem. Considerar a realidade vivida pelos alunos como forma de problematização geográfica é uma tarefa desafiadora para os docentes, mas extremamente necessária como forma de proporcionar uma formação responsável, crítica e analítica.

Partindo dessas colocações, houve a seguinte organização para a aplicação da proposta didática: primeiramente foi realizada uma apresentação sobre as transformações na paisagem da cidade de Vitória do Xingu, destacando para os alunos através de figuras o mesmo espaço em épocas distintas, como forma de compreender as mudanças paisagísticas ao longo dos anos. No entanto, reforçando que para além da mudança da aparência, do visível, que eles tentassem imaginar a mudança no espaço vivido, ou seja, o que a mudança na paisagem acarretou em mudanças no cotidiano das pessoas. Para essa primeira explanação, apresenta-se como exemplo as fotografias expressas na figura 3:

Figura 3 – Residência em Vitória do Xingu-PA em períodos distintos



Fonte: Arquivo do autor (2021 e 2022)

A residência da figura 3 está localizada no bairro Nova Conquista na cidade de Vitória do Xingu. Na figura em questão se visualiza a mesma residência em períodos distintos, a qual é perceptível algumas transformações. De maneira imediata, os alunos destacaram a construção da parte inferior da casa. Além dessa mudança, mais expressiva em termos visuais, os alunos conseguiram perceber também a instalação de uma antena de internet no telhado da residência.

Feito esse reconhecimento das mudanças na paisagem através da figura 3, foi questionado aos alunos o que essas mudanças repercutiram/repercutem no cotidiano dos moradores da residência. Após alguns segundos de reflexão, os estudantes começaram a apontar a questão da segurança proporcionada pela estrutura de alvenaria construída, assim como o acesso a conectividade e à internet por meio da antena.

Por meio dessa primeira explanação, foi reforçado aos alunos a ideia de que a atividade não se tratava apenas de reconhecer as mudanças na paisagem, mas aquilo que a mudança no visual pode modificar no cotidiano das pessoas. Após essa primeira exposição, exibiu-se a figura 4, a qual destaca as mudanças em uma rua da cidade:

Figura 4 – Rua em Vitória do Xingu em períodos distintos

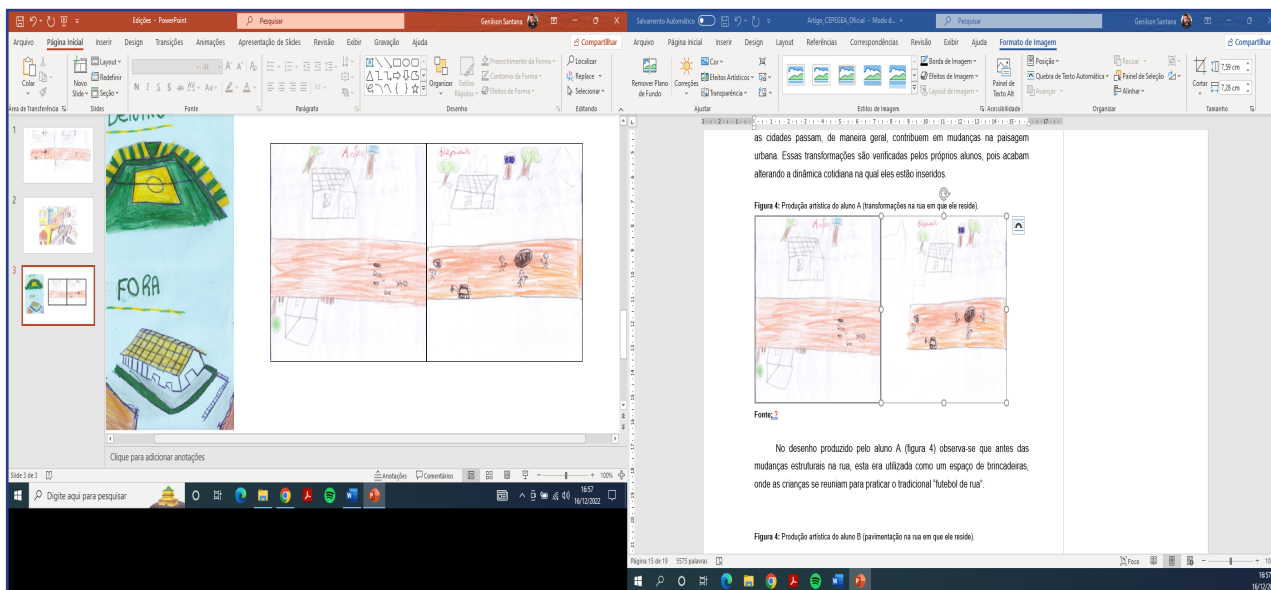


Fonte: Arquivo do Autor (2021 e 2022)

O processo de pavimentação e a própria política de saneamento básico que as cidades passam, de maneira geral, contribuem em mudanças na paisagem urbana. Essas transformações são verificadas pelos próprios alunos, pois acabam alterando a dinâmica cotidiana na qual eles estão inseridos. Na realização da atividade, os alunos espacializaram suas percepções a partir de seus cotidianos. A figura 5 expressa a produção artística do aluno A⁴, que descreve as transformações percebidas na rua em que reside:

⁴ O aluno A (turma F6M901-A), sexo masculino, reside em um bairro de Vitória do Xingu que se originou a partir de um processo de ocupações irregulares ocorrido na cidade (bairro Laticínio) a partir da construção da Usina de Belo Monte. Sob o ponto de vista do planejamento, a gênese desse e de outros bairros de maneira não planejada contribui para o surgimento de ruas sem estrutura, pavimentação e saneamento. Por outro lado, para as crianças, são um espaço propício para o desenvolvimento de brincadeiras.

Figura 5 – Produção artística do aluno A (transformações na rua em que ele reside)



Fonte: Produção artística do aluno A (acervo do autor – dezembro de 2022)

No desenho produzido pelo aluno A (figura 5), observa-se que antes das mudanças estruturais na rua, esta era utilizada como um espaço de brincadeiras, onde as crianças se reuniam para praticar o tradicional “futebol de rua”. Contudo, ao lado o aluno expressa que as brincadeiras na rua foram “pausadas” por um “longo” período, enquanto a via passava por obras. O aluno destacou no desenho uma máquina realizando serviços, assim como trabalhadores atuando no processo de pavimentação. Em poucas palavras, esse indivíduo relatou o que o motivou a realizar sua produção artística e as suas percepções em relação as mudanças, assim como as alterações provocadas em seu cotidiano:

Meu desenho se trata do antes e o depois na minha rua. Antes eu jogava bola, corria sem parar, me escondia... e agora eu não posso fazer mais isso devido as obras na minha rua (Aluno A).

Considerando que as mudanças na estrutura das ruas são temporárias, a questão colocada pelo aluno A merece destaque. O estudante percebeu que aquelas transformações pelas quais o logradouro estava passando impactaram no seu cotidiano. Dessa maneira, a prática pedagógica passa a evidenciar elementos

que reforçam a aprendizagem geográfica por parte dos alunos, fazendo com que os educandos apreendam que existe uma inter-relação entre as mudanças na paisagem e as alterações no cotidiano.

Além dessa, outras produções artísticas relacionadas às mudanças nas ruas também foram verificadas. Na figura 6, por exemplo, observa-se a percepção do aluno B⁵ quanto as transformações no seu cotidiano:

Figura 6 - Produção artística do aluno B (pavimentação na rua em que ele reside)



Fonte: Produção artística do aluno B (acervo do autor – dezembro de 2022)

A produção artística do aluno B materializa o processo de pavimentação da rua em que ele reside. A produção escrita do aluno B destaca o seguinte:

Antigamente a rua tinha muitos buracos, mas agora é asfaltada. Tinha poucas casas, agora tem muitas. Tinha muita árvore, agora não tem mais. Elas foram cortadas para fazer a rua. Antes na rua onde eu morava era toda 'esburacada', não era asfaltada e nem 'bloqueteada'. Ela era quase coberta por mato. Tinha um campinho que toda tarde eu jogava bola com meus amigos. Na rua não tinha um comércio por perto, tinha que andar lá no centro por que não tinha nenhum transporte. Agora a rua foi asfaltada, tem um mercadinho, mas o campinho não existe mais pois no lugar tem agora uma frutaria. É uma pena não ter mais o nosso lugar de brincar (Aluno B).

⁵ Tal como o Aluno A, o Aluno B (turma F6M902-B), sexo masculino, também reside em um bairro proveniente do processo de ocupações irregulares ocorrido na cidade (bairro Nova Conquista). Essas ocupações deram origem a 4 (quatro) novos bairros na cidade. Esses bairros eram, até pouco tempo, desprovidos de infraestrutura mínima.

As produções artísticas realizadas pelos alunos reforçam a apreensão da proposta didática, tendo em vista que eles conseguem reproduzir através de seus desenhos as suas percepções quanto as mudanças ocasionadas na paisagem que repercutem em transformações no cotidiano. Afinal, este é o objetivo da proposta: fazer com que os estudantes consigam olhar para os espaços onde estão inseridos e perceber mais do que uma paisagem estática, mas também a possibilidade de desenvolver e ampliar a análise a partir desse processo.

Além dessas transformações na paisagem observadas pelos alunos A e B, que sinalizam mudanças mais perceptíveis, evidencia-se a produção artística do aluno C⁶ (figura 7), que destacou o processo de instalação de iluminação pública na rua em que ele reside.

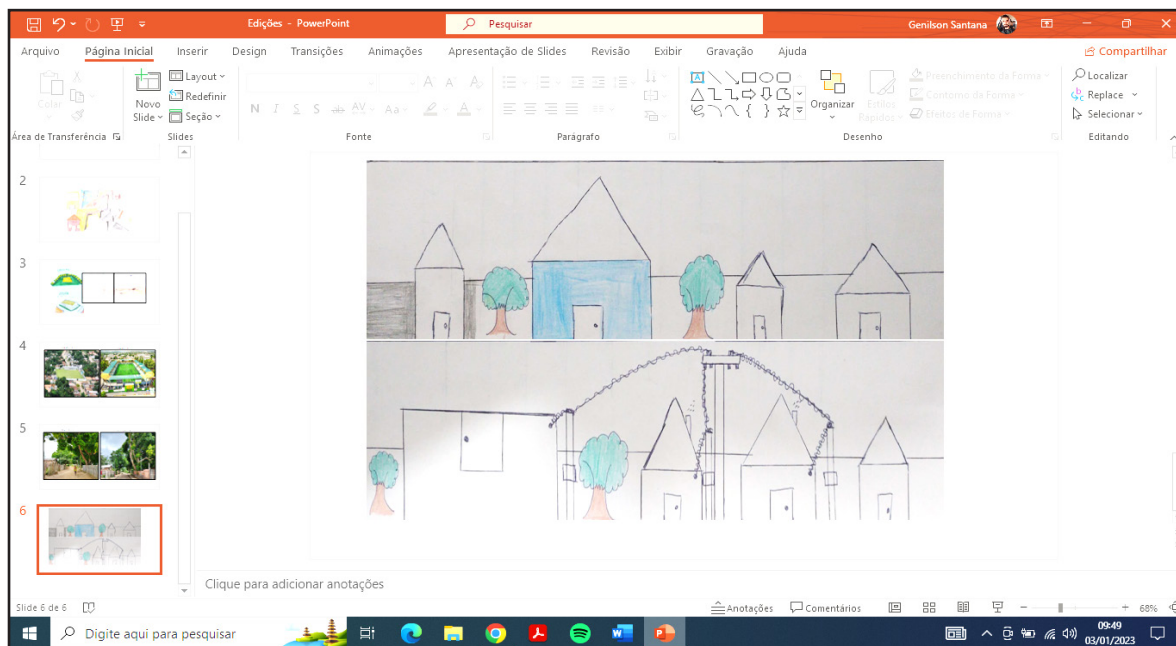
Muito embora o processo de iluminação pública não represente significativas mudanças paisagísticas, a partir da percepção do aluno C, esse evento sinalizou transformações no seu cotidiano, conforme destacou o estudante em sua produção escrita:

Antes na minha rua não dava de nós brincar, porque não tinha luz nos postes e não dava para brincar de noite. Agora o prefeito colocou luz nos postes e dá de nós brincar de noite (ALUNO C).

As produções realizadas pelo aluno C convergem para alcançar os objetivos da proposta, de modo que se verifica a construção da noção de transformações na paisagem. Para além disso, percebe-se que os estudantes abarcam gradualmente outras habilidades para além do visual, do imediato, e passam a abstrair, no conjunto, certos conceitos. Tal atividade se mostra importante no processo de ensinar Geografia, pois possibilita que os alunos desenvolvam noções conceituais a partir da realidade, estimulando ainda que os alunos estabeleçam conexões dessas mudanças com aquilo que as provoca, assim como as consequências dessas alterações no cotidiano de quem as presenciam.

⁶ O aluno C (turma F6M902-B), sexo feminino, mora no bairro Jardim da Alegria, localizado próximo ao centro da cidade. Ainda assim, nota-se a ausência de alguns equipamentos ou funcionalidades urbanas, tais como a iluminação pública, elemento este percebido e especializado pelo aluno em sua produção artística.

Figura 7 – Produção do aluno C (processo de iluminação pública na rua em que ele reside)

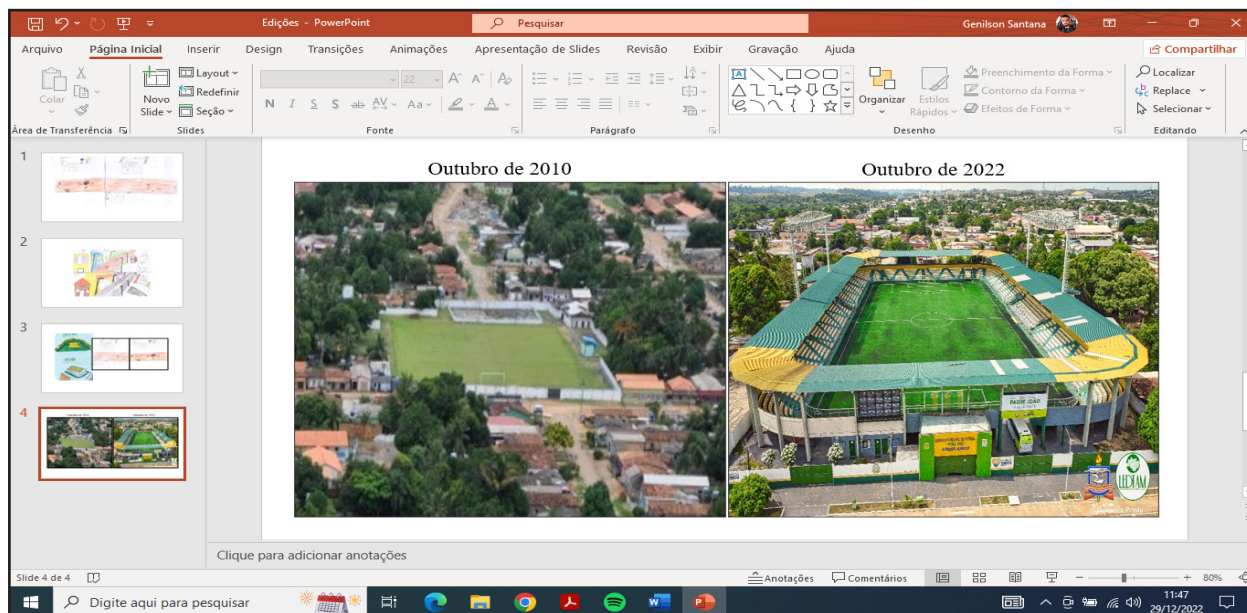


Fonte: Produção artística do aluno C (acervo do autor – dezembro de 2022)

A intenção da proposta didática, no entanto, persegue a compreensão das transformações na paisagem da cidade de Vitória do Xingu a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Nesse caminhar metodológico, evidenciou-se aos alunos o exemplo do estádio Padre João (Arena Xingu) através da figura 8, o qual passou por uma enorme transformação (reestruturação) e simboliza uma grande mudança paisagística na cidade como reflexo do emprego dos *royalties* recebidos pelo município como forma de compensação financeira à construção do empreendimento.

A intenção de mostrar aos alunos essas imagens da Arena Xingu se deu pela necessidade de representar, através de uma paisagem da cidade, referências espaciais que denotam elementos construídos no espaço urbano que são reflexos da construção da hidrelétrica. Nesse sentido, foi realizada essa problematização aos estudantes justamente como forma de despertar nos discentes a consciência de que grande parte das mudanças ocorridas em Vitória do Xingu são implicações provocadas pelo megaempreendimento.

Figura 8 – Estádio Padre João (Arena Xingu) em períodos distintos



Fonte: Jornal Folha do Bico (2018) e LEDTAM/UFPA (2022)

As aulas de Geografia, no contexto de mudanças pelo qual passou a cidade, precisam despertar a curiosidade nos alunos, de maneira a fazer com que eles reflitam sobre diferentes temáticas. De igual maneira, necessita-se de um esforço por parte dos professores em relação a considerar a realidade dos alunos como ponto de partida das aulas, mesmo que não estejam diretamente relacionadas com o tema da aula. Sabe-se que é uma tarefa desafiadora, mas muitas vezes o processo de ensino-aprendizagem depende muito desse olhar atento dos docentes em relação às analogias que ele pode desenvolver.

Baseado nessa perspectiva, a prática pedagógica de evidenciar primeiramente o mesmo espaço em períodos distintos se mostra importante como forma de possibilitar reflexões, despertando nos estudantes um outro olhar sobre as mudanças ocorridas na cidade. A ideia foi provocá-los a pensar nas transformações a partir de suas percepções cotidianas, tais como as alterações na arquitetura de praças, estádio, ginásios, ruas e espaços de lazer, de maneira que pensassem os motivos que levaram à construção e/ou à revitalização desses objetos, de maneira a demonstrar suas percepções dos lugares.

Isso posto, no processo de problematização junto aos alunos, foi questionado se estes notaram mudanças na cidade ou no uso de algum ou outro espaço. Questionou-se também o porquê dessas mudanças e se seria possível identificar algum agente responsável pelo aumento ou aceleração dessas transformações. O objetivo, nesse momento, foi o de fazer os estudantes levantarem hipóteses sobre os processos que levaram às transformações da paisagem retratada.

Após essa problematização e a partir das diferentes hipóteses levantadas pelos alunos (várias e bem coerentes), foi realizada uma curta explanação sobre o conjunto de mudanças ocorridas na paisagem da cidade vitoriense. Destacou-se que boa parte das transformações ocorridas em Vitória do Xingu são efeitos da instalação do empreendimento hidrelétrico de Belo Monte. Assim, foi exposto alguns dos principais elementos de mudança verificados na cidade após esse período: o rápido crescimento populacional, cujos desdobramentos repercutiram na formação de novos bairros na cidade, alguns frutos de processos de ocupação, o que resultou em espaços não planejados e deficientes em termos de estrutura e saneamento; construção de vários equipamentos e espaços públicos de grande magnitude, com aspectos da modernização, em que os elementos não são verificados em outras cidades da região (estádio, ginásios, praças, secretarias, praia artificial).

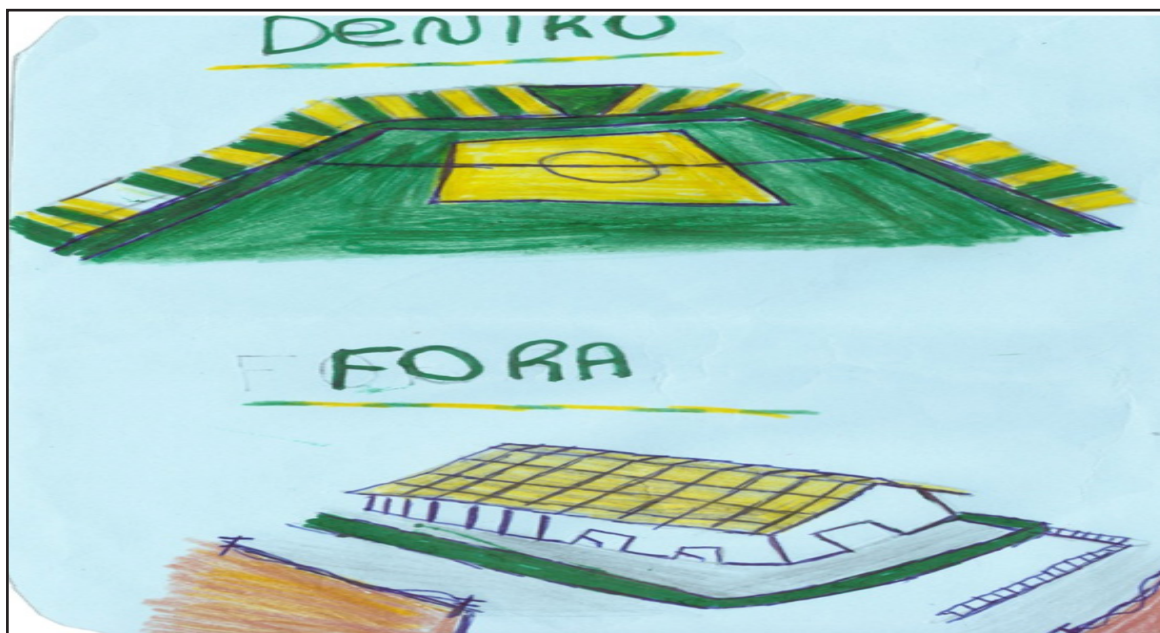
De fato, no que se refere a essas transformações ocorridas na cidade, deixou-se claro aos alunos que apesar de algumas se notabilizarem por impactos negativos, outras representam aspectos positivos à cidade e aos seus habitantes. Nesse sentido, algumas produções artísticas realizadas pelos alunos destacam essa afirmação. Um exemplo disso é a produção do aluno D⁷, conforme demonstra a figura 9.

Em sequência, apresenta-se a descrição textual feita pelo mesmo aluno:

O desenho que eu fiz é do Ginásio José Caetano, que fica bem próximo da minha casa. Hoje em dia em consigo assistir um jogo de futebol, já que não fica tão longe. Por fora ele não parece ser muito bonito, mas por dentro ele é maravilhoso (Aluno D).

⁷ O aluno D (turma F6T903-C), sexo feminino, reside no bairro Jardim Dall'acqua, mesmo bairro onde está localizada a escola Prof.^a Raimunda Cabral da Silva. Nesse bairro foram construídas algumas estruturas de uso público, como o ginásio retratado pelo aluno, além de quadras e praças. A construção desses objetos espaciais gera mudanças paisagísticas e repercutem no cotidiano dos moradores.

Figura 9 – Produção do aluno D (vista interna e externa do Ginásio José Caetano)



Fonte: Produção artística do aluno D (acervo do autor – Dezembro de 2022)

Através da produção artística e da escrita do aluno D, é possível verificar a apreensão dos novos objetos paisagísticos construídos na cidade. Para além da mudança na paisagem próximo a residência do aluno, verifica-se duas descrições que chamam a atenção: o sentimento de felicidade e entusiasmo por ter um ginásio próximo a sua casa e assim poder assistir partidas de futsal, coisa que não fazia parte do cotidiano do aluno; e a percepção de uma mesma paisagem (ginásio) a partir das noções de interioridade e exterioridade.

Verificar essas percepções por parte dos alunos para além do que foi problematizado reafirma a importância de práticas pedagógicas que garantam uma aprendizagem de forma significativa, de maneira que torna os alunos sujeitos construtores de sua autoria (Moreira, 2012).

Ao mesmo tempo que é desafiador para o professor propor esse tipo de prática pedagógica, cabe ressaltar que os resultados causam inúmeras possibilidades de construção do conhecimento por parte dos alunos auxiliando-os a entender, contemplar e conectar os recursos educacionais com seu contexto vivido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a analisar a importância do cotidiano no ensino de Geografia por meio de observações da paisagem da cidade de Vitória do Xingu. Desse modo, aplicou-se uma proposta didática prática como forma de estimular a aprendizagem e a reflexão dos alunos acerca da temática em questão.

As atividades realizadas pelos alunos (artística e escrita) representam os diferentes olhares e perspectivas sobre as mudanças na paisagem e no próprio cotidiano dos estudantes. Nesse sentido, os resultados obtidos indicam que a proposta metodológica de ensinar Geografia a partir do cotidiano significa a possibilidade de fazer com que os alunos aprendam a partir de suas próprias realidades.

Muito embora existam atualmente variadas práticas pedagógicas como forma de ensinar-aprender Geografia, destaca-se e reforça-se a necessidade de práticas de ensino que facilitem o processo de aprendizagem por parte dos alunos e não o oposto disso. Diante disso, a prática de ensino foi desenvolvida em turmas de 6º ano como forma de possibilitar que o processo de construção do conhecimento se tornasse palpável aos alunos, de maneira a fazer com que os estudantes não sentissem tantas dificuldades no processo de apreensão de conceitos e que ao mesmo tempo essa transposição didática ocorresse de maneira factível às suas respectivas realidades.

Dessa maneira, a prática pedagógica consegue fazer com que os alunos reflitam não apenas a mudança no visual, na paisagem, mas que além disso compreendam os motivos que levaram a essas transformações, e o que essas alterações podem modificar no espaço vivido e no cotidiano das pessoas. Consequentemente, colabora-se com um ensino de Geografia pautado na formação de sujeitos críticos e conscientes do mundo e do local onde estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 07 nov. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)**. Brasília, DF: INEP, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 08 nov. 2022.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v.25, n.66, p.227-247, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>

CALLAI, H. C. Escola, cotidiano e lugar. *In*: BUITONI, M. M. S. (coord.). **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 25-42, 2010.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. (org.). **Ensino de Geografia - práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 7ª ed. 2009.

CAVALCANTI, L. de S. **O ensino de Geografia em escolas públicas do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p.215, 1995.

CORNÉLIO, G. S. **A RELAÇÃO CIDADE E RIO NA AMAZÔNIA: mudanças e permanências em Vitória do Xingu/PA face à construção da UHE Belo Monte**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Pará, Altamira-PA, 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico (2010) e Estimativas populacionais (2019)**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 Jun. 2023.

JORNAL FOLHA DO BICO. **Vitória do Xingu: Prefeitura abre concurso com 315 vagas**. Belém-PA, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <http://www.folhadobico.com.br/wp-content/arquivo/2018/10/vitoria-do-xingu.jpg>. Acesso em: 22 Nov. 2022.

LEITE, M. Â. F. P. **Destruição ou Desconstrução? Questões da Paisagem e Tendências de Regionalização**. São Paulo: Editora Hucitec/FAPESP, 1994.

LEFEBVRE, H. La producción del espacio. **Papers: revista de sociología**, p. 219-229, 1974.

MANFIO, V. O estudo do lugar e cotidiano no ensino de Geografia: uma proposta pedagógica para o ensino fundamental. **PESQUISAR-Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia**, Florianópolis, v.8, n.16, p.18-36, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/79325/47752>. Acesso em: 28 out. 2022.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. de M. O lugar como uma construção social. **Formação (Online)**, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2007. DOI: <https://doi.org/10.33081/formacao.v2i14.645>

MOREIRA, G. E. **Representações sociais de professoras e professores que ensinam Matemática sobre o fenômeno da deficiência**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, 2012.

PARÁ. **Documento Curricular do Estado do Pará: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. 2. ed. rev. e pub. Secretaria de Estado de Educação do Pará, 2019.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SERPA, Â. **Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia** / Ângelo Serpa. – São Paulo: Contexto, p.128, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA, L. O lugar como referência de aprendizagem no ensino de geografia: trajetória docente no estado de Santa Catarina. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, 1., 2018. Maceió. **Anais** [...]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br>. Acesso em: 28 out. 2022.

VITÓRIA DO XINGU. **Documento Curricular do município de Vitória do Xingu: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. 1. ed., Vitória do Xingu/PA, dez. 2019.

Contribuições de autoria

1 – Genilson Santana Cornélio

Doutorando em Geografia pelo PPGEIO/Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0000-0003-4600-5862> • genilsoncornelio@gmail.com
Contribuição: Escrita – Primeira Redação e revisões

2 – José Queiroz de Miranda Neto

Universidade Federal do Pará, Doutor em Geografia (UNESP/Presidente Prudente
<https://orcid.org/0000-0003-1939-4866> • mirandaneto@ufpa.br
Contribuição: Escrita – Primeira Redação e revisões

Como citar este artigo

CORNÉLIO, G. S.; MIRANDA NETO, J. Q. Paisagem e cotidiano no ensino de geografia: Desafios didáticos e possibilidades práticas em Vitória do Xingu-PA. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 27, e74391, p. 1-29, 2023. DOI: 10.5902/2236499474391. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499474391>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.